

Mais apoio ao Brasil. Em palavras e em dólares.

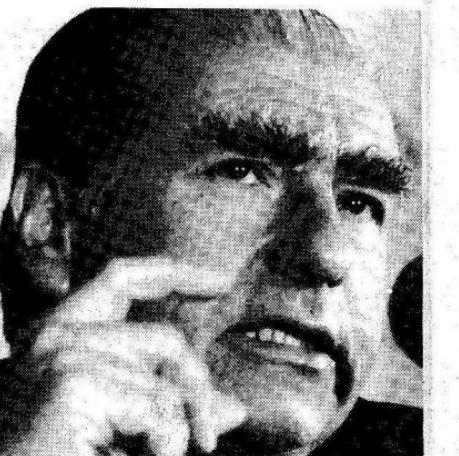
Enquanto os países latino-americanos, os maiores devedores do mundo, elogiavam a suspensão do pagamento dos juros da dívida de longo prazo, pelo Brasil, o presidente José Sarney informava ontem ter chegado à conclusão de que o País não sofrerá retaliações, depois de analisar os relatórios recebidos das embaixadas brasileiras no Exterior e as reações de banqueiros e autoridades estrangeiras.

Sarney continuou recebendo mostras de solidariedade, até mesmo de um país desenvolvido: a Itália, cujo governo anunciou a abertura de um crédito de US\$ 30 milhões ao Brasil, num gesto simbólico de apoio. Telefonemas de endosso foram recebidos dos presidentes Jaime Lusinchi, da Venezuela; Raúl Alfonsín, da Argentina; e Julio Sanguinetti, do Uruguai.

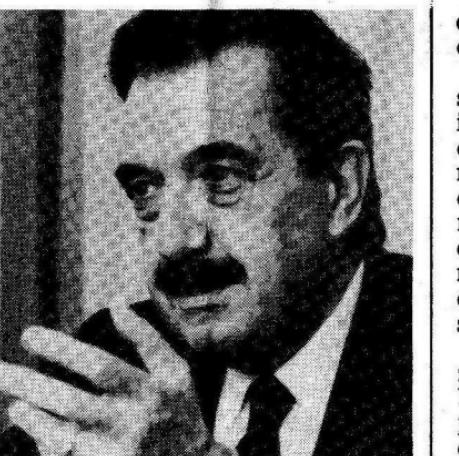
Torcida latina

os credores compreendem bem. Manifestou a certeza de que a minoritária não afetará as relações diplomáticas do País com os governos credores e prometeu que haverá conversações com todos eles. No plano interno, admitiu que é preciso tomar medidas para evitar a recessão.

O presidente da Constituinte e do PMDB, Ulysses Guimarães, disse que os vários telefonemas por ele recebidos do Exterior deram conta de que a suspensão do pagamento dos juros não causou hostilidade, atitude de confronto "e muito menos qualquer retaliação contra o País". Informou ainda que, segundo lhe garantiu o governador Miguel Arraes, de Pernambuco (com quem almoçou ontem), a decisão do governo foi bem recebida pelos governadores do PMDB.



Sanguinetti



Alfonsín

pensão do pagamento dos juros. Alfonsín acompanha pessoalmente os acontecimentos e manda hoje a Brasília o secretário da Fazenda. Mário Simón Brodersen, principal negociador da dívida externa argentina de US\$ 52 bilhões, a terceira maior do mundo (a primeira é a do Brasil, de US\$ 108 bilhões, e

a segunda a do México, de US\$ 100 bilhões).

Nos telefonemas, Alfonsín, Sanguinetti e Lusinchi destacaram que um maior intercâmbio no Continente é importante para o estudo dos problemas comuns. E hipotecaram solidariedade à atitude brasileira — gesto que também partiu

do secretário da Fazenda do México, Gustavo Petricoli.

Lusinchi lembrou que o Brasil sempre foi correto nas obrigações internacionais que assumiu, sendo contudo levado a não pagar os juros pela atitude dos banqueiros e como consequência adversa. Sarney respondeu-lhe que nos últimos dois anos o Brasil enviou ao Exterior, só para pagar o serviço da dívida externa, US\$ 21 bilhões, sem receber um centavo em troca.

No México, o secretário da Fazenda, Gustavo Petricoli, que também telefonou a Sarney, disse à imprensa que o caso brasileiro é um exemplo "do grande risco que o sistema financeiro internacional corre, como consequência da falta de cooperação e co-responsabilidade" na solução do problema da dívida externa.

"O Brasil pode superar suas atuais dificuldades quando adotar certas medidas corretivas no plano interno" e conseguir um novo acordo com seus credores, disse ontem o ministro da Economia e Finanças

do Uruguai, Ricardo Zerbino. Também salientou o "impacto considerável" que a decisão brasileira causou nos círculos financeiros.

Em Caracas, o ministro da Fazenda, Manuel Azpurua, opinou: "Todo país tem a obrigação de atender às necessidades básicas da população e garantir o crescimento econômico". E a suspensão do pagamento dos juros, pelo Brasil, "exigirá dos bancos credores uma atitude mais flexível e construtiva para dar solução adequada ao problema da dívida externa, porque não se pode esquecer que os bancos têm uma responsabilidade compartilhada nesse assunto".

Para o presidente da Guatemala, Marco Vinicio Cerezo, diante da atitude brasileira, "todos os países da América Latina poderão tomar decisões mais rápidas do que pensamos. O pagamento da dívida externa tem um conteúdo político que afeta o desenvolvimento econômico e social de nossos povos. E precisamos consolidar critérios para buscar uma rápida solução".